



AS IMAGENS SOCRÁTICAS E SUA RECEPÇÃO NA TRADIÇÃO CRISTÃ PRIMITIVA

THE SOCRATIC IMAGES AND THEIR RECEPTION IN EARLY CHRISTIAN TRADITION

José Alesi Santiago Rocha

Mestrando em Filosofia pelo PPGFIL/UECE. Professor de Filosofia da SEDUC-CE.
alesi.santiago@aluno.uece.br

Este artigo investiga o diálogo entre a filosofia clássica e o cristianismo nascente, analisando como as imagens de Sócrates foram reinterpretadas e integradas ao contexto intelectual e espiritual dos primeiros séculos cristãos. Na primeira parte, retomamos as representações do filósofo ateniense transmitidas por autores como Aristófanes, Xenofonte e Platão. Os *Λόγοι Σωκρατικοί*, embora apresentem diferenças entre si, permitem compreender quem foi Sócrates e evidenciam como o filósofo, mesmo sem nada ter escrito, influenciou o pensamento filosófico ocidental. Na segunda parte, examinamos a recepção dessas representações (especialmente a platônica) na tradição cristã primitiva, destacando como elementos da filosofia socrática foram utilizados por autores como Justino Mártir e Orígenes para fortalecer e fundamentar a mensagem cristã.

Palavras-Chave: Sócrates, Diálogos, Recepção, Cristianismo.

This article investigates the dialogue between classical philosophy and early Christianity, analyzing how the images of Socrates were reinterpreted and integrated into the intellectual and spiritual context of the first Christian centuries. In the first part, we visit the representations of the Athenian philosopher transmitted by authors such as Aristophanes, Xenophon, and Plato. The *Λόγοι Σωκρατικοί* (Socratic Discourses), despite their differences, allow us to understand who Socrates was and demonstrate how the philosopher, even without having written anything, influenced Western philosophical thought. In the second part, we examine the reception of these representations (especially the Platonic one) in early Christian tradition, highlighting how elements of Socratic philosophy were used by authors such as Justin Martyr and Origen to strengthen and substantiate the Christian message.

Keywords: Socrates, Dialogues, Reception, Christianity.

1. Introdução

No estudo da filosofia encontramos diversos pensadores que nada escreveram, assim como outros cujas obras se perderam ao longo do tempo. Entre eles, poucos exerceram tanta influência quanto Sócrates. Sua marca transcendeu as fronteiras do mundo grego, ecoando até a contemporaneidade. Este texto tratará das representações de Sócrates, elaboradas por Aristófanes, Xenofonte e Platão, mas também como estas imagens foram reinterpretadas e assimiladas no contexto do cristianismo primitivo. Ao examinar essa recepção, o artigo destaca o papel da filosofia socrática, especialmente em sua vertente platônica, como instrumento para pensadores cristãos como Justino Mártir e Orígenes. Para eles, a figura do filósofo ateniense não apenas serviu como modelo ético e racional, mas também como um aliado na defesa e fundamentação da mensagem cristã. Sob essa ótica, o encontro entre a filosofia clássica e o cristianismo nascente não se limita a um episódio histórico, mas se revela como uma síntese fundamental na formação da cultura ocidental.

2. Algumas imagens de Sócrates

A figura socrática apresenta-se de forma verdadeiramente emblemática ao longo da história da filosofia, tanto pelo fato de não ter deixado nada escrito quanto pelo modo como seus discípulos o apresentam em obras destinadas a exercer influência profunda sobre a cultura ocidental. O fato é que se trata de “uma figura indelével da filosofia e da cultura, a ponto de se chamarem pré-socráticos os pensadores que lhe são anteriores.” (PEREIRA, 2006, p. 459). Segundo Grimaldi (2006, p. 8), mesmo os discípulos da sofística, adversários diretos de Sócrates, “não deixavam de reconhecê-lo, eles também, como uma espécie de feiticeiro, de mágico ou de xamã.”

Cabe, todavia, recordar a questão socrática, definida por Bolzani Filho (2014, p. 11) como as “dificuldades relacionadas a toda e qualquer tentativa de encontrar, no seio de um conjunto de testemunhos díspares sobre este filósofo fundamental e seu pensamento, as informações historicamente mais fidedignas para a construção do verdadeiro socratismo.” Assim sendo, cabe a pergunta: é realmente possível reconstruir a imagem de Sócrates? Uma vez que as fontes contemporâneas dele – Aristófanes, Xenofonte, Platão – apresentam divergências consideráveis na representação de Sócrates, como proceder?

Segundo um estudioso contemporâneo cujos trabalhos têm se revelado influentes para esse campo de estudos:

É muito difícil, e talvez impossível, dizer quem foi o Sócrates histórico, apesar de os fatos mais relevantes de sua vida estarem claramente estabelecidos. No entanto, os testemunhos que seus contemporâneos nos deixaram, os de Platão, os de Xenofonte, os de Aristófanes, transformaram, idealizaram e deformaram os traços do Sócrates que viveu em Atenas no final do século V antes da nossa era. (HADOT, 2006, p. 21, tradução nossa).

Fundamentando-nos nesta crítica, caber-nos-á, portanto, entender as nuances nestas imagens socráticas edificadas pelos autores antigos¹. Na comédia *As Nuvens* de Aristófanes, representada em 423 a.C., Sócrates é muito diferente daquele do testemunho platônico e também do apresentado por Xenofonte, já que esses autores representam um Sócrates na velhice (cf. REALE, 1990, p. 85). Ressalte-se com Benoit (2018, p. 138) que “a posição de Aristófanes em relação a Sócrates é crítica e visa ridicularizá-lo. Sócrates é representado como um falso sábio, um charlatão.” O estudioso aponta ainda que Aristófanes traça um perfil bem parecido àquele que será retomado por seus acusadores no processo de 399 a.C. (BENOIT, 2018, p. 138).

Aqui, cumpre fazer um esclarecimento fundamental. Este Sócrates da comédia aristofânica “é o resultado de uma confusão com os sofistas”, cabendo ressaltar que,

apesar de deformada para intuítos cômicos, aparece-nos a figura do filósofo como muitos contemporâneos a viam, confundindo o objeto das suas investigações com o de Anaxágoras e Diógenes de Apolônia, e o seu ensino da dialética, sem preocupações de ordem moral, fazendo prevalecer a causa da pior sobre a melhor. (PEREIRA, 2006, p. 460).

Esta imagem de Aristófanes, atravessada por elementos cômicos, e pode-se dizer que exagerada com objetivos de caricaturizar, não pode ser deixada de lado, haja vista que nenhuma caricatura obteria êxito se o Sócrates representado não pudesse ser de alguma maneira identificado, ou pelo menos associado pelos espectadores àquele homem que eles conheciam (BOLZANI FILHO, 2014, p. 12-3).² Tais elementos de identificação são de cunho físico, conteúdo teórico e também de método. Uma análise tipológica elaborada por Benoit (2018, p. 139) destaca certas semelhanças entre o Sócrates de Aristófanes, Xenofonte e o do *corpus* platônico. No que se refere ao cunho físico, ele é visto como um

¹ Reconhecemos uma série de outros autores que escreveram o gênero dos “diálogos socráticos” [Λόγοι Σωκρατικοί], contudo, consideraremos apenas as imagens apresentadas por Aristófanes, Xenofonte e Platão. Tal escolha é tomada, à luz do que sugere Benoit (2018, p. 138), porque estão relativamente bem preservadas as obras em que estes autores representam Sócrates.

² Esta também é uma posição da escola escocesa, representada principalmente por Taylor (1911, p. 141-142).

homem sem interesse por bens materiais, mora em um casebre e anda descalço (como aparece n' *As Nuvens* 360-365). O estudioso recorda ainda que:

Sócrates aparece inicialmente dentro de um cesto dependurado no alto da cena e, nos seus discursos, diz que as nuvens são as verdadeiras divindades. Poderíamos certamente aproximar essas imagens da chamada 'teoria das ideias' que Platão lhe atribuiu. Sócrates estaria sempre voltado para uma região ou mundo superior, aquele das ideias situadas acima de todas as coisas sensíveis: as ideias, ou aqui as nuvens, seriam as verdadeiras realidades (BENOIT, 2018, p. 139).

Com relação ao método, o Sócrates d' *As nuvens* é um homem que não fala por longos discursos, e usa seu método de perguntas e respostas breves “o método de refutação (ἔλεγχος), que conduz o interlocutor à contradição, à dúvida e finalmente a reconhecer que não sabe aquilo que pensava inicialmente saber” (BENOIT, 2018, p. 139). Isto posto, pode-se ressaltar que a imagem de Sócrates feita por Aristófanes desvela algumas semelhanças com o Sócrates presente em outras fontes, mas seria “uma iniquidade fazer com que o burlesco Sócrates da comédia compareça no tribunal da rigorosa justiça histórica” (JAEGER, 2013, p. 458) e, na verdade, como explica Reale (2013, p. 85), “a reconstrução de Sócrates só pode ser feita levando em conta todas as fontes, e não só o que elas dizem, mas também o que calam, lendo uma à luz da outra e vice-versa, e também filtrando cada uma delas à contraluz e utilizando tudo com atento senso crítico.”³

A imagem socrática apresentada por Xenofonte é a de um discípulo, embora se acredite que não o tenha seguido por muito tempo, já que em sua juventude ficou longe de Atenas por anos (BENOIT, 2018, p. 140). Segundo Pereira (2006, p. 462), “o Sócrates de Xenofonte era virtuoso, dotado de espírito prático, muito útil e prestável aos seus amigos, que lhe pedem conselhos até para os seus negócios.” Sobretudo n' *As Memoráveis*, a imagem do mestre é a de um homem simples que não utiliza calçados, veste-se com o básico e não se alimenta de nada refinado, mostrando assim que a busca pelos bens materiais é algo irrisório. Esse modo de vida recebe críticas impetuosas, como por exemplo a de Antifonte. O sofista “procura mostrar que o mestre, por sua pobreza material, é infeliz e mestre somente da infelicidade” (BENOIT, 2018, p. 141). Nesse sentido, o Sócrates de Xenofonte apresenta traços semelhantes aos de outros relatos. Seguindo o princípio délfico, Sócrates examina-se a si mesmo e tenta mostrar que

a necessidade de muitas roupas e de trocá-las constantemente, sustenta Sócrates, viria do frio e do calor que as pessoas sentem, incapazes que são de resistirem à mudança das estações. A necessidade de calçados viria dos pés frágeis que se

³ Para uma outra abordagem da forma como as imagens de Sócrates se consolidam na tradição, a partir dos testemunhos de seus contemporâneos: SILVA, ANJOS, 2024, p. 102-105.

ferem se não são protegidos. *Com esforço e exercícios*, afirma ele, mesmo os fracos tornam-se mais fortes que os fortes descuidados. Sustenta ainda que, não sendo escravo do ventre, do sono, da volúpia, surgem prazeres mais doces que não deleitam apenas no momento, mas trazem vantagens contínuas. (BENOIT, 2018, p. 142, *grifo nosso*).

O esforço e o exercício superariam assim as fraquezas e as limitações do homem, e as suas qualidades naturais se desenvolveriam. Este Sócrates dono de uma simplicidade ímpar, mesmo que detentor de uma concepção moral um tanto ingênua, mostra-se parecido com o Sócrates de Aristófanes pela simplicidade da vida (mas também por alguns aspectos de sua doutrina). Ele refuta os homens a partir do exame da existência pessoal e choca-se contra as imagens e os discursos dominantes. O incômodo promovido por ele visa ao estabelecimento de uma vida melhor, a partir de uma análise crítica, com ênfase especial em questões relativas à virtude prática.

Cabe, por fim, mencionar uma crítica que tradicionalmente é feita a esta imagem de Sócrates cultivada Xenofonte. Como não seria um filósofo propriamente, o autor não estaria à altura de compreender os ensinamentos do mestre em sua devida profundidade. Ainda que não queiramos problematizar aqui as disputas envolvidas no estabelecimento da filosofia como um campo epistemológico e discursivo autônomo em meados do período clássico (SILVA, 2022, p. 308-321), podemos reinterpretar essa ideia de uma formação não filosófica como uma vantagem. A pretensa ausência de objetivos filosóficos próprios colocaria Xenofonte em posição de, ao relatar os ensinamentos de Sócrates, estar menos propenso a distorcê-los ou sobrecarregá-los com interpretações ou conceitos próprios. Nesse sentido, seu testemunho pode ser entendido, paradoxalmente, como mais autêntico à figura histórica de Sócrates e sua atuação (PEREIRA, 2006, p. 462).

3. O Sócrates de Platão

Essas imagens fragmentadas, discutidas e criticadas certamente nos demonstram que “talvez tivéssemos outra ideia de quem foi Sócrates se as obras produzidas em todas as escolas fundadas por seus discípulos tivessem sobrevivido” (HADOT, 1999, p. 49). Entretanto, o mais célebre dos relatos a respeito desse homem é o de Platão. O filósofo da Academia “triunfou na história, seja porque soube conferir a seus diálogos um imperecível valor literário, seja antes porque a escola que fundou sobreviveu durante séculos, salvando assim seus diálogos e desenvolvendo ou mesmo deformando sua doutrina” (HADOT, 1999, p. 48).

Em linhas gerais, é preciso compreender primeiramente que o Sócrates de Platão possui uma originalidade literária. O autor parece representar diálogos travados entre diferentes pessoas, evitando representar-se no que frequentemente configura um debate entre duas (ou mais) teses opostas. Acerca do posicionamento do próprio Platão, é de se supor no máximo alguma consonância com o personagem de Sócrates. Ele toma assim uma máscara (cf. HADOT, 1999, p. 50).⁴ Emergirá daí que

Sócrates converte-se em um *prósopon*, na máscara das personalidades que foram sentindo a necessidade de abrigar-se debaixo da proteção de sua figura [...]. Trata-se de um fenômeno extremamente complexo por causa de suas implicações literárias, pedagógicas e psicológicas. (HADOT, 2006, p. 27, *tradução nossa*).

Mas qual seria a razão deste mascarar-se platônico? Huisman (2006, p. 34) aponta algumas possibilidades de explicação. O primeiro é que Platão seria um homem incapaz de fazer qualquer reflexão filosófica, mas, como um aluno fora de série, deteria a posse de alguns arquivos a respeito de seu mestre e teria transcrito os diálogos mesmo que muito tempo depois de eles terem acontecido. Hipótese um tanto improvável, uma vez que não existe indicação de uma espécie de estenógrafo com Sócrates, e, ainda que houvesse, dificilmente os relatos seriam tão precisos como nos diálogos socráticos de Platão.

A segunda possibilidade é que Platão teria sido uma pessoa modesta e, temendo que suas ideias não fossem aceitas, teria se servido de Sócrates para se esconder (HUISMAN, 2006, p. 35). Esta explicação, embora talvez faça sentido, confronta-se com a seguinte crítica da tradição acerca do pretenso procedimento de Platão:

seria colocar as ideias em um desconfortável recuo temporal, oferecendo-as como ideias de segunda mão, já usadas e ultrapassadas e, além disso, logo de saída pesadamente hipotecadas por uma censura. Pareceria absurdo utilizar como proteção a identidade de um personagem tão conhecido e tão comprometedor, por ter sido condenado como pensador perigoso. (HUISMAN, 2006, p. 35).

A terceira hipótese apresentada por Huisman (2006, p. 35) é a de que Sócrates teria mantido uma escola filosófica funcionando como as modernas equipes de pesquisa. Platão teria sido um dos líderes desta escola e teria compreendido que esse seria o caminho percorrido para dispor a doutrina do mestre. A quarta hipótese é que “Platão teria possuído sim uma filosofia própria, que ele teria em parte, [...] misturado, como diletante pouco preocupado com a propriedade intelectual, a lembranças mais ou menos precisas de metodologia socrática ou de vagos discursos éticos” (HUISMAN, 2006, p. 35-36). O

⁴ Hadot (1999, p. 50) é quem aponta como característica da construção platônica o fato de o filósofo jamais apresentar o “eu” dentro dos diálogos. Ele sequer entra em cena para dizer que elaborou a obra.

último roteiro é que os diálogos platônicos “contariam qualquer coisa, um ecletismo de bom tom para dar o troco, uma vulgarização exotérica, isto é, dirigida aos não-iniciados. O verdadeiro Platão se reservava para os sábios iniciados de seus cursos privados, esotéricos e sempre zelosamente orais” (HUISMAN, 2006, p. 36).

De todo modo, a história da Filosofia demonstra que “não há Platão que se enuncie fora de Sócrates” (HUISMAN, 2006, p. 36), e a maneira como o filósofo da Academia o representa quer evocar a vivacidade de seus discursos na Pólis. Ele semeia na alma do leitor uma perturbação, conduzindo-o a tomar consciência a fim de chegar à conversão filosófica (HADOT, 2006, p. 28). Eis aí algo que norteia o Sócrates platônico: o objeto de sua reflexão não é a política ou a justiça; esses debates são consequências de um entendimento e uma noção muito mais amplos. É a preocupação com a alma do homem o centro de suas argumentações, e, por conseguinte, também deve ser a investigação primaz da filosofia.

A alma é para si mesma um enigma e um tormento. O que a chama, atrai, dirige, governa e mobiliza são os valores. A virtude é a capacidade que cada pessoa tem de realizar em si mesma um determinado valor. Justiça, amor, piedade, coragem etc., virtudes que os diálogos socráticos têm como tema. (GRIMALDI, 2006, p. 12).

Assim entende-se com Trabattoni (2012, p. 30) que o Sócrates dos diálogos platônicos deixa para seus discípulos um legado: existe uma ligação entre filosofia e vida. Essa constatação emerge em primeiro lugar da noção de *areté*,⁵ e os conflitos de valores presentes na sociedade dos gregos clamam por uma transformação cujo caminho Platão entendia a partir da ética socrática (SANTOS, 1983, p. 61).

Sócrates desenvolverá a ironia “para operar o *élenchos* (refutação), submetendo a uma análise crítica as crenças de seus contemporâneos em certos valores como temperança, piedade, coragem e virtude” (SILVA; ANJOS, 2024, p. 103). O convite de Sócrates é o do reconhecimento da própria ignorância (cf. PLATÃO, *Apologia* 21d), da tomada de consciência de si mesmo e do reconhecimento que os bens são fugazes e que a busca da virtude deve ser realizada por cada homem, como se lê: “não vos envergonhais por isso de considerar as riquezas, a reputação e a honra, como se fossem mais que a inteligência, a verdade e a alma? E, se algum de vós discordasse e dissesse que considerava, não o deixaria ir embora e haveria de interrogá-lo, examiná-lo e refutá-lo” (PLATÃO, *Apologia* 29d-e). Encantado com o método e a integridade moral de Sócrates, inteirado da práxis política ateniense e das questões prementes para sua própria época, Platão decide-se por fazer

⁵ Santos (1983, p. 10) entende o termo como a excelência, a perfeição, ou como a virtude. Sendo a última a forma mais comum de tradução.

filosofia a exemplo de seu mestre e pretende identificar em seus textos os princípios que podem promover o bem-estar do homem.

4. Cristianismo e filosofia

Gilson (1995, p. XIV) recorda que o cristianismo se depara com a filosofia a partir do século II, quando houveram as primeiras conversões de cultura grega, mas que seria possível argumentar que já em passagens do novo testamento encontramos noções filosóficas. Contudo, ressalte-se que tais termos filosóficos são utilizados para expressão da fé, do conjunto de doutrinas. A necessidade humana de justificação leva a tradição cristã a tomar os termos gregos antigos e dar a eles um novo sentido, eles transformam-se. Grande exemplo disso é a noção de *logos*.

O evangelho de João diz: “Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος, καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν, καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος”⁶. Conforme comenta Gilson (1995, p. XVIII) “partindo da pessoa concreta de Jesus, objeto da fé cristã, João se volta para os filósofos, para lhes dizer que o que eles chamam de *logos*, é Ele (Jesus) [...]. Dizer que Cristo é o *logos* não era uma afirmação filosófica, mas religiosa.”

Para Ratzinger (2012, p. XIII) a filosofia dá à fé sua primeira visão concreta, mas o filósofo cristão é aquele que possui nas mãos o evangelho, de onde aprende não as palavras, mas os fatos. O cristianismo seria então a verdadeira filosofia:

a tarefa mais importante do filósofo é perguntar por Deus. A atitude do verdadeiro filósofo é viver segundo o logos, e com Ele. Já que o significado do ser cristão é viver de acordo com o logos, os verdadeiros filósofos são os cristãos, e por isso o cristianismo é a verdadeira filosofia. (RATZINGER, 2012, p. 14)

Não bastasse tal apropriação das palavras e dos conceitos filosóficos em vista de realçar ideias, convencer e converter os ouvintes, traremos aqui também como a imagem de Sócrates fora por diversas vezes assemelhada a princípios do cristianismo. Tal afirmação pode parecer abstrata, uma vez que quatro séculos separam Jesus e Sócrates, mas um olhar atento às obras de Justino e Orígenes nos possibilitam entender a necessidade dos cristãos em passar pela vida do filósofo ateniense.

⁶ Tradução nossa de (Jo 1,1) a partir da edição da bíblia de Jerusalém.

4.1 Justino e a imagem de Sócrates

O cristianismo precisou muito cedo levar em consideração as filosofias pagãs. Os cristãos cultos do primeiro século, entretanto, possuíam certas divergências em relação a elas. Alguns só se convertem ao cristianismo tarde e havendo recebido uma educação filosófica grega, eram inclinados a não condená-la, ademais a conversão seria o ápice da busca por Deus instigada pela filosofia (cf. GILSON, 1995, p. 2).

Ainda Gilson (1995) explica que a partir do segundo século os apologistas aparecem como um movimento necessário para sustentação da fé cristã ante os imperadores pagãos. Deste movimento destaca-se, por exemplo Justino, que escreve a *primeira apologia*.

A obra é dirigida ao imperador Adriano, Frangiotti (1995, p. 7) explica que quase quinze anos foram necessários para sua composição e que Justino elabora desde uma defesa dos cristãos até uma exposição pública sobre a verdade cristã: com fundamentos históricos, sacramentais e racionais. Segundo (GILSON, 1995, p. 3) “para o jovem Justino, a filosofia era o que conduz a Deus e a ele nos une.” E foi junto aos discípulos de Platão que ele instruiu-se sobre o que desejava aprender, mas somente a partir de um encontro com um ancião é que percebe certas incoerências das narrativas platônicas. Narra Gilson (1995, p. 4):

encontrou um ancião que o questionou sobre Deus e sobre a alma, e como se houvesse respondido expondo ideias de Platão sobre Deus e a transmigração das almas, esse ancião fez-lhe ver a incoerência de tais ideias. [...] Se a alma é imortalmente viva, não é porque ela é vida, como Platão ensina, mas porque Deus quer e quanto tempo quanto ele quiser.

Tal fato demonstra a diferença entre as ideias cristãs e o platonismo, mas também nos ajuda a nortear o objetivo deste texto. Por ter sido partidário das ideias de Platão, sem dúvidas Justino obteve contato com a imagem socrática construída pelo filósofo da Academia. Em *I Apologia*, 5.1, o autor faz referência a perseguição empreendida aos cristãos e aponta que existe uma obra dos demônios “movidos de paixão irracional e aguilhoados por demônios perversos, nos castigais sem nenhum processo e sem sentir remorso algum por isso”. Todavia, esclarece, contudo, que estas obras demoníacas acontecem antes mesmo do cristianismo, cite-se:

antigamente, alguns demônios perversos, fazendo suas aparições, violaram as mulheres, corromperam os jovens e mostraram espantelhos aos homens. Com isso, ficaram apavorados aqueles que não julgavam pela razão as ações praticadas e assim, levados pelo medo e não sabendo que eram demônios maus, deram-lhe nomes de deuses e chamaram cada um com o nome que cada demônio havia posto em si mesmo. (JUSTINO, *I Apologia*, 5.1)

E é Sócrates que “com um raciocínio verdadeiro e investigando as coisas, tentou esclarecer tudo isso e afastar os homens dos demônios, estes conseguiram, por meio de homens que se comprazem de maldade, que ele também fosse executado como ateu e ímpio” (JUSTINO, *I Apologia*, 5.1). Nota-se aqui uma alusão a Sócrates como um precursor do pensamento racional, além de comparar a perseguição sofrida pelo ateniense com o que vinham sofrendo os cristãos. Não obstante tal noção, Justino ainda continua “De fato, por obra de Sócrates, não só entre os gregos se demonstrou pela razão a ação dos demônios, mas também entre os bárbaros pela razão em pessoa, que tomou forma, se fez homem e foi chamado Jesus Cristo” (JUSTINO, *I Apologia*, 5.4). Aqui a proposta de Justino adquire nova proporção, mesmo que com traços diferentes, ele está comparando a razão usada por Sócrates, com a utilizada por Jesus - razão *in persona*. A força da imagem do Sócrates platônico também poderá ser percebida quando Justino está retratando algumas objeções escutadas pelos cristãos, primeiro ele começa:

alguns, sem motivo, para rejeitar o nosso ensinamento, poderiam nos objetar que, ao dizermos que Cristo nasceu somente há cento e cinquenta anos sob Quirino e ensinou sua doutrina mais tarde, no tempo de Pôncio Pilatos, os homens que o precederam não têm nenhuma responsabilidade (JUSTINO, *I Apologia*, 46.1).

O autor resolve o problema com o entendimento de que Cristo é o Verbo de Deus. “Nós recebemos o ensinamento de que Cristo é o primogênito de Deus e indicamos antes que ele é o Verbo, do qual *todo o gênero humano participou*” (JUSTINO, *I Apologia*, 46.1, grifo nosso). Eis aqui uma noção importante, todo o gênero humano participou ou participa de algum modo do cristianismo.

Aqueles que viveram conforme o Verbo são cristãos, quando foram considerados ateus como sucedeu entre os gregos com Sócrates, Heráclito [...] os que antes viveram sem razão, se tornaram inúteis e inimigos de Cristo e assassinos daqueles que vivem com razão; mas os que viveram e continuam vivendo de acordo com ela, são cristãos e não experimentam medo ou perturbação. (JUSTINO, *I Apologia*, 46. 3-4)

É a vida com racionalidade de Sócrates, entendida por Justino a partir de suas leituras platônicas que o distingue, Sócrates é um cristão antes de Cristo. Ressalte-se que se todos os homens que viveram segundo o Verbo viveram segundo Cristo, e os que viveram contra a racionalidade, e pelas paixões viveram contra Cristo, “então o cristianismo pode assumir a responsabilidade por toda a história” (GILSON, 1995, p. 6).

Conclui-se, portanto, que, para Justino, Sócrates e seu método de busca pela verdade representam um verdadeiro prenúncio da tradição cristã. A vida de Sócrates, narrada nas obras de Platão, é concebida por Justino com tamanha relevância porque, em

sua perspectiva, o filósofo grego, ao buscar a verdade e enfrentar a morte com coragem, antecipa valores centrais do cristianismo.

4.2 Orígenes e a imagem de Sócrates

Orígenes nasceu em uma família cristã e em um ambiente de grande perseguição aos cristãos. Seu pai inclusive fora decapitado na perseguição empreendida por severo em 202 d.C., a originalidade de Orígenes se deu pela fundação do *didaskaleion*, centro em que se oferecia um ensino abrangente desde a cultura profana até o estudo das escrituras. Ressalte-se que o *didaskaleion* exigiu dele longos estudos de filosofia (FRANGIOTTI, 2011, p. 11).

Uma das principais obras de Orígenes é *Contra Celso*, a proposta do autor é “dispersar as acusações contra o cristianismo e o judaísmo, empreendidas por Celso”⁷ (SOARES, 2013, p. 138). Orígenes por muitas vezes refere-se a imagem socrática neste texto, provavelmente como já fora abordado anteriormente, por ter estudado a filosofia a fim de aprofundar seus conhecimentos. Frangiotti (2011, p. 12) cita que um dos traços que aproxima Orígenes da mentalidade filosófica é o seu pendor pela sistematização, fato que o leva a transformar o método pedagógico desenvolvido pelas escolas gregas em um ciclo geral de ensino cristão deixando de lado em seus estudos apenas os materialistas e os ateus.

Por muitas vezes em *Contra Celso* Orígenes cita a imagem de Sócrates presente nos diálogos de Platão, refutando Celso que estava a criticar Jesus por não ter fugido da morte que estava eminente, ele escreve: “Sócrates, em todo caso sabia que se bebesse a cicuta, morreria, e tinha o meio, se tivesse obedecido a Críton, de fugir da prisão e nada sofrer de tudo isso. Mas decidiu seguindo o que lhe parecia razoável, que era melhor morrer como filósofo do que levar uma vida indigna de sua filosofia [...] que há de espantoso, pois no fato de Jesus, conhecendo embora as desgraças que lhe sucederiam, não as ter evitado, mas se ter exposto aos perigos previstos?” (ORÍGENES, *Contra Celso*, II. 17). Eis aqui uma comparação fundamental entre a história de Sócrates contada por Platão colocando-o como aquele que fora até as últimas consequências, não hesitando morrer pela Filosofia, e Jesus nos evangelhos que também não hesitou em dar a própria vida, em vistas da salvação do mundo, como crê a doutrina cristã.

⁷ Celso é um autor pagão que escreveu diversas críticas ao cristianismo, sua obra chega até nós apenas através da refutação de Orígenes. (cf. SOARES, 2013)

Ademais, no livro segundo encontra-se uma importante afirmativa, que deseja refutar a acusação de Celso de que Jesus não havia se mostrado puro de todo mal, o presbítero diz:

Se ele entende que Jesus não se mostrou puro do mal no sentido estrito, que apresente claramente a prova de um ato mau praticado por ele! Se, pelo contrário, ele entende por mal a pobreza, a cruz, a conspiração dos homens insensatos, é evidente que podemos dizer que também Sócrates sucedeu o mal, ao não poder provar que era puro deste mal. Mas como é numeroso entre os gregos o coro dos filósofos que foram pobres e de pobreza voluntariamente escolhida (ORÍGENES, *Contra Celso*, II. 41).

Mais uma vez uma comparação entre Jesus e Sócrates aparece, ora se Celso está se referindo ao “mal” como sinônimo de sofrimento, pobreza, humilhação ou perseguição (como a crucificação), Orígenes argumenta que isso não pode ser considerado um mal no sentido moral. Nesta passagem ele utiliza ainda outros filósofos para fortalecer o argumento: Diógenes, Demócrito e Crates mostrando de tal maneira um apreço a imagem de Sócrates, mas também que possuía conhecimento de outras doutrinas filosóficas. Percebe-se que as táticas de refutação do autor convenceriam melhor aos pagãos ou a cristãos recém-convertidos se utilizassem de obras conhecidas por eles, concebendo assim um inculturação.

Já no livro terceiro, aparece uma citação ligada a conversão dos homens, uma vez que para Celso não seria possível uma mudança de vida àqueles que são inclinados a pecar. Orígenes diz que todos são inclinados a pecar, mas que não somos “refratários à mudança completa” (ORÍGENES, *Contra Celso*, III. 66) e esclarece que essa visão de Celso não se fundamenta em nenhuma doutrina respeitada, haja vista que “toda escola filosófica e a divina escritura nos ensinam que existem pessoas de tal maneira mudadas que são propostas como modelos de vida perfeita. Entre os heróis costumam ser citados Hércules e Odisseu, mais tarde Sócrates” (Ibidem). Este argumento ganha ainda mais força quando Orígenes fala da história de Fédon, que resgatado por Sócrates tornou-se alguém notável, sendo “julgado digno por Platão de reproduzir o discurso de Sócrates sobre a imortalidade e descrever seu vigor de alma na prisão” (Ibidem).

Percebe-se, assim, que Orígenes, com profundo apreço pela filosofia e pela figura socrática, confronta Celso utilizando-se dos textos platônicos como ferramenta de argumentação. Ele não apenas defende a integridade moral de Jesus, mas estabelece um diálogo entre filosofia grega e cristianismo, mostrando que compartilham certos preceitos como a busca pela verdade, a coragem diante da morte e a capacidade de transformação moral.

5. Conclusão

Conclui-se a evidência de um diálogo entre a filosofia grega e a mensagem cristã. Ao reinterpretar elementos da filosofia socrática, nos parece que Justino e Orígenes conseguem não apenas defender a fé cristã, mas também atrair adeptos, especialmente aqueles familiarizados com o pensamento platônico. A figura de Sócrates, tal como apresentada por Platão, serviu como um ponto de conexão entre a busca filosófica pela verdade e a revelação cristã. A coragem de Sócrates diante da morte, sua dedicação à virtude e sua disposição para questionar as convenções sociais encontraram eco na narrativa de Jesus Cristo, que também enfrentou a morte com serenidade e ensinou uma mensagem de transformação moral.

Em um contexto contemporâneo que tem sido marcado por uma radical polarização e entendimentos de que Filosofia e fé estão cada vez mais distantes, a inculturação feita pelos primeiros cristãos apresenta-se como uma resposta contundente.

Referências Bibliográficas

ARISTÓFANES. *As nuvens*. In: JUNIOR, J. C. B. (Org). **Cadernos de tradução – UFRGS**, n. 32, pp. 1-98, 2013.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BENOIT, H. *Sócrates*. In: CORNELLI, G. (Org). **Platão**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra/Paulus, pp. 137-152, 2018.

BOLZANI FILHO, R. *Imagens de Sócrates*. In: **Revista Kléos**, n. 18, pp. 11-31, 2014.

FRANGIOTTI, R. *Introdução e notas explicativas*. In: JUSTINO DE ROMA. **I Apologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

FRANGIOTTI, R. *Introdução e notas explicativas*. In: ORÍGENES. **Contra Celso**. São Paulo: Paulus, 2011.

GRIMALDI, N. **Sócrates, o feiticeiro**. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

HADOT, P. **Elogio de Sócrates**. Cidade del Mexico: Me cayoelveinte, 2006.

HADOT, P. **O que é a filosofia antiga?** São Paulo: Loyola, 2004.

HUISMAN, D. **Sócrates**. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

JAEGER, W. W. **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

JUSTINO DE ROMA. **I Apologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

ORÍGENES. **Contra Celso**. São Paulo: Paulus, 2011.

PEREIRA, M. H. R. **Estudos de história da cultura clássica- vol. 1**. Lisboa: Fundação Calouste & Gulbenkian, 1965.

PLATÃO. **Eutifron, apologia de Sócrates e Críton**. Lisboa: Imprensa Casa da Moeda, 1983.

RATZINGER. J. **Natureza e missão da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2012.

REALE, G. **História da Filosofia – Vol. I**. São Paulo: Paulus, 1990.

REALE, G. **História da filosofia grega e romana – Vol. II: Sofistas, Sócrates e socráticos menores**. São Paulo: Ed. Loyola, 2013.

SANTOS, J. G. T. *Introdução e notas*. In: PLATÃO. **Eutifron, Apologia de Sócrates e Críton**. Lisboa: Imprensa Casa da Moeda, 1983.

SILVA, R. G. T. **O Evangelho de Homero: Por uma outra história dos Estudos Clássicos**. Tese (Doutorado). Belo Horizonte: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2022.

SILVA, R. G. T.; ANJOS, S. C. B. *O avesso de Sócrates: Xantípa e o lugar da mulher na história da Filosofia*. In: **Argumentos: Revista de Filosofia**, n. 32, p. 101-113, 2024.

SOARES, C. S. *Ἀληθής λόγος: vida e obra do filósofo pagão celso*. In: **Alétheia - Revista de estudos sobre antiguidade e medievo**, v. 1, pp. 148-155, 2013.

TAYLOR, A. E. **Varia Socrática**. Oxford: James Parker & Co., 1911.

TRABATTONI, F. **Platão**. Coimbra: Coimbra University Press, 2012.

Data da submissão: 15 out. 2025.

Data do aceite: 20 dez. 2025.



Esta obra está licenciada sob licença Creative Commons Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/legalcode.pt>).

Rev. Helius	Sobral	v. 6	n. 2	p. 84-97	2025
-------------	--------	------	------	----------	------